

Federação Espírita de Rondônia
Departamento de Infância e Juventude
Março – 2008

**ESTUDO SOBRE DESVIOS DOUTRINÁRIOS E DATAS
COMEMORATIVAS**

1.OBJETIVOS:

Que os participantes sejam capazes de:

1º fazer uma análise crítica sobre as datas comemorativas da nossa sociedade com base nos ensinamentos do Cristo, através da Doutrina Espírita.

2ª avaliar seu papel enquanto trabalhador, promovendo a manutenção da pureza doutrinária. E na Evangelização Infante Juvenil também como orientador das novas gerações.

3º definir e identificar desvios doutrinários.

4º perceber que quando incorporamos modismos, rituais de qualquer tipo, comemorações culturais ou religiosas na casa espírita estamos maculando o Espiritismo.

5º compreender como devem ser tratadas na Casa Espírita as principais festas religiosas e as da família que fazem parte de nossa cultura, mas não da Doutrina Espírita.

6º diferenciar atividades espíritas de não espíritas.

2.JUSTIFICATIVA:

O trabalho na Casa Espírita não está livre de atitudes que culminam por desviar o Movimento Espírita de seu real objetivo, que é proporcionar ao ser meditações urgentes sobre a Vida, suas leis e mecanismos, para as atividades da renovação íntima. Sendo o trabalhador espírita um trabalhador do Cristo, com a missão da **manutenção da pureza doutrinária** aos freqüentadores e outros trabalhadores, é necessária grande responsabilidade sobre as idéias veiculadas nas salas de estudo (Esde, Eade e Evangelização Infante Juvenil) e palestras públicas.

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.” Léon Denis.

3.PUREZA DOUTRINÁRIA

Divaldo Pereira Franco gentilmente concedeu entrevista à equipe de redação do Jornal Mundo Espírita, algumas horas antes de subir ao púlpito para proferir a palestra de abertura da 8ª Conferência Estadual Espírita, em Curitiba, PR, no dia 24 de março de 2006.

Observa-se algumas vezes entre os adeptos do Espiritismo uma postura tradicionalmente religiosa na maneira de entender e de se relacionar com a Doutrina Espírita. Este entendimento dá margem a problemas dentro do Movimento Espírita, como a ritualização de certas práticas, abuso de poder nas hierarquias, e outras dificuldades. Tendo em vista os entraves que a cultura religiosa ancestral criou no pensamento humano, é correto buscar compreender o Espiritismo em primeiro lugar como uma ciência e filosofia, muito mais próximo das outras Ciências do que das religiões tradicionais? Poderia o Movimento Espírita organizar-se segundo esta idéia?

Vivemos um momento de ásperas transformações, e o Movimento Espírita vem tentando encontrar o melhor caminho em um povo como o nosso, com tradições místicas, herdadas dos nossos ancestrais. A visão religiosa da Doutrina colocou-se como prioritária, por atender mais de imediato os grandes sofrimentos morais, econômicos, sociais, emocionais, que vergastam a nossa sociedade.

Uma visão de um Espiritismo sob o ângulo científico é muito válida para aqueles indivíduos que têm uma formação acadêmica e que se possam dedicar a experiências que confirmem todos os fatos que desde Allan Kardec já foram constatados. O que me parece deveria prevalecer ao invés da ritualística que lentamente vai sendo introduzida e aceita por desconhecimento da Doutrina, é que se levasse em consideração a proposta filosófica de uma visão ampla, de uma observação cuidadosa dos fatos da vida e de como o Espiritismo os explica e os orienta, ensejando, deste modo, um comportamento ético-moral saudável, no qual a consequência religiosa é inevitável, mas não as fórmulas que caracterizam as religiões, apresentando-se como seitas que já estão totalmente superadas.

Esta preocupação é muito válida, porquanto periodicamente surgem indivíduos em torno dos quais formam-se grupos, indivíduos portadores de mediunidade, nobre ou não, mas mediunidade, que não poucas vezes tornam-se líderes esquisitos e esdrúxulos, com comportamentos alienados, procurando apresentar propostas de exaltação do seu ego e gerando à sua volta uma mística que infelizmente vem desaguando em determinadas posturas incompatíveis com o Espiritismo, como o casamento espírita etc.

(www.jornaldosespiritos.com – acesso em 03/07/2006)

“Porque e como surgem as impurezas doutrinárias?”

Doutrina Espírita é uma coisa, outra, porém, é o **movimento espírita**, ou seja, o que os espíritas, os adeptos do Espiritismo, fazem (realizam) em nome dessa doutrina.

O movimento espírita pode apresentar falhas, deturpações, acréscimos indevidos, tanto nas idéias como nas práticas espíritas.

Isso porque, quem adere à Doutrina Espírita e entra no seu movimento:

- já traz consigo idéias, costumes, condicionamentos da religião anterior (dos quais ainda não se despojou) e ainda continua a receber influência de outras obras e movimentos que existem no meio social;

- e se não assimilar bem o conteúdo doutrinário espírita, ao começar a exercer atividades em nome do Espiritismo poderá desfigurá-lo, por lhe mesclar doutrina ou práticas com ensinamentos ou procedimentos que não condizem com as suas bases doutrinárias.

Quando isso acontece, perdem-se as diretrizes de raciocínio e bom senso, pode-se voltar às credices e superstições, ao mágico, sobrenatural, maravilhoso, ou à crença cega, às práticas exteriores mais diversas e mais estranhas, quem sabe até se retomar o domínio sacerdotal.

Assim surgiram, no passado, e continuam a surgir na atualidade, desvios ou enxertias indesejáveis (tanto de conceitos como de práticas).

Mas o Espiritismo não tem caráter progressivo?

Dado a esse caráter progressivo da doutrina, a ela se poderão incorporar novas revelações espirituais e novos conhecimentos que a ciência venha a alcançar.

Mas não sem que passem, antes, pelo crivo da razão e, quando possível, da experimentação.

Além disso, os princípios fundamentais da Doutrina Espírita já foram solidamente estabelecidos e não precisam nem devem ser alterados.

A obra doutrinária de Kardec não será substituída e, sim, apenas analisada mais profundamente ou complementada no decorrer do tempo.”

(Therezinha Oliveira
Espiritismo, a Doutrina e o Movimento – páginas 88 e 89)

Devemos ser vigilantes para que a nossa expressão de fé não se torne apenas um rito de aparências, em que a preocupação com a forma e a aparência exterior se sobreponha ao objetivo maior de reforma íntima que desejamos cultivar em nós mesmos e nos evangelizando.

Pequenas atitudes equivocadas dentro da casa espírita podem ser o primeiro passo para a desvirtualização do espiritismo, tal como ocorreu com o Cristianismo primitivo. Assim evitemos:

- # o uso de imagens e quadros;
- # adoração de palestrantes, Espíritos ou mentores;
- # uso de rituais característicos de outras religiões;
- # falar de Jesus como fosse Deus;
- # tratar de reencarnação como castigo;

Nunca permitir que festas nitidamente relacionada a outras religiões ou à cultura de um povo confunda-se com “festa espírita”. Limitar-se a comentar a origem histórica da festa e sua importância para a cultura de nosso povo e enfatizar que não se trata de festa religiosa espírita.

Ex: Evitar distribuir desenhos de ovos ou coelhos de páscoa para serem pintados na Evangelização ou a distribuição de Ovos de Páscoa na Casa Espírita, orientando os pais a festejarem a data em seus lares, caracterizando-a como festa cultural, mas não espírita. No entanto, poderá ser comentada, na aula, a origem da Páscoa – êxodo dos Judeus – e seu significado – Libertação.

A Verdade é uma só e surgiu em vários povos desde o início da humanidade. O Espiritismo é **mais uma** tentativa de trazer esta Verdade ao povo.

“(…) **Não podemos de forma nenhuma desfigurar a Doutrina dos Espíritos**, mutilar seus textos, deformar suas leis morais, anular seus princípios, cancelar pontos explicativos, ajeitar interpretações ao agrado da cultura humana, inventar conceitos estranhos, incorporar credices e superstições ou explicar fundamentos espíritas aprisionando-os à óptica acanhada da Ciência oficial.

Tudo que se pregue, divulgue e pratique, contrário aos princípios da Doutrina Espírita, é **responsabilidade direta** de quem escreve, de quem ensina; de quem dirige casas espíritas; de quem comanda sessões mediúnicas; de quem psicografa; de editoras que investem em obras deficientes ou carregadas de erros doutrinários; de livrarias que vendem de tudo, preocupadas muito mais com o lucro fácil; dos jornais espíritas que apreciam mais polemizar, agredir e destruir que instruir e educar, informar e unir.”

(Walter Barcelos

“A Base da Pureza Doutrinária”, publicado na revista Informação, de setembro/1997)

“Como manter pura a doutrina?”

- I) **Conhecendo e divulgando corretamente o Espiritismo.** Qual a sua verdadeira doutrina, o que prega, quais os seus princípios fundamentais, para o distinguir de outras doutrinas. Como conhecer sem estudar? Necessário se faz, ler, ouvir, trocar idéias.
- II) **Zelando(vigiando, tomando cuidado).** Para não deixar que se infiltrem idéias errôneas, nem haja deturpações pela ignorância ou pela má-fé no que estamos divulgando, nas práticas que fazemos como movimento espírita, em nome do Espiritismo”

(Therezinha Oliveira
Espiritismo, a Doutrina e o Movimento.)

3.1 DIA DAS MÃES

“A Mulher e Seus Filhos”.

Inequivocamente, à mulher cabe uma importante quota de contribuição com a Obra de Deus, oferecendo a sua sensibilidade e a sua inteligência em favor da vida. Muito a propósito é a afirmação do Espírito da Verdade, quando situa a tarefa delegada por Deus à mulher como mais importante que à do homem, uma vez que cabe a ela o conduzimento dos homens, dando-lhes as primeiras noções de vida. (Q. 821-OLDE)

Junto a seus filhos é que a mulher encontra as mais exuberantes oportunidades de avançar, em espírito, para alcançar os campos luminativos do progresso pelos quais anela.

Inobstante não possa a mulher prescindir da cooperação do companheiro no processo da orientação dos rebentos, salvo nos casos de provações impostas pela morte ou nas situações em que a irreflexão haja gerado problemas irreversíveis propiciando a sua solidão no esforço de dirigir a prole, é a ela, à mãe, que tocam graves compromissos, pois, por sua contextura fisio-psicológica guarda as potencialidades necessárias para a realização dos seus abençoados misteres. (...)

Não se esqueça disso, mulher, e proponha-se, desde hoje, clarificada pela excelsa inspiração do Mais Alto, a conduzir os seus filhos renovados, para regaço do verdadeiro Pai, o Pai de todos nós.

(Thereza de Brito – Vereda Familiar – cap. 13)

Reflexões:

- 1) Qual a visão espírita sobre a mãe-mulher?
- 2) Para o Espiritismo, o que é, e quando é o dia das mães?

3.2 DIA DOS PAIS

“Carta aos Pais.

(...) Sabe que ser pai no mundo é honrosa oportunidade com que Deus brinda o homem, com que abençoa a masculinidade, homenageando a sua função co-criadora, ao lado da mulher que se fez mãe pelos vínculos carnis. (...)

(...) Porém papai, não deponha sobre os ombros da companheira-mãe a responsabilidade de, sozinha, conduzir o lar, educar a prole, acompanhar os passos dos pequenos e dos mocinhos, fazendo-se presente onde se torne preciso.

(...) Hoje, quando tantos filhos sofrem a carência da presença dos pais, mesmo tendo-os ainda no corpo, revise como tem sido o seu entrosamento com os seus filhos. Vigie-se para não trocar por presentes materiais a atenção que lhes deve, de movo a conquistá-los. Ainda que tenha coisas para dar, dê-as, mas ofereça-se a eles. Sorria com eles, corra com eles, ajude-os em pequenos serviços, em singelos deveres escolares. Ouça-lhes as histórias simples do dia-a-dia, vividas com colegas e amigos. Dê valor às suas dificuldades, sem exageros prejudiciais, contudo. Pergunte-lhes, ao chegar a casa, sobre as atividades, gostos e desgostos, tornando-se, assim, amigo-confidente, para que seja aceito como conselheiro. (...)

(...) Reflita, pai querido, que seus rebentos lhe conduzirão a mensagem de vida aonde quer que forem, impregnados que estarão por tudo quanto lhes houver oferecido. (...)

(Thereza de Brito – Vereda Familiar – cap. 30)

Reflexões:

- 1- Qual a visão espírita sobre o pai?
- 2- Para o Espiritismo, o que é, e quando é o dia dos pais?

3.3 – DIA DAS CRIANÇAS

(...) Atentando para a importância do Espírito que atravessa as horas infantis num corpo pequeno de criança, veremos o quanto espera esse serzinho da maturidade e do equilíbrio dos adultos.

Mesmo na condição de estar temporariamente esquecido de si mesmo, o ser não se mostra, por isso, apartado das reminiscências que, do inconsciente, visitam-lhe a consciência, apresentando a sua formidável bagagem de variadas conquistas.

Diversos serão os estímulos recebidos pela criança a cada dia. Estímulos luminosos que anularão suas sombras e depositarão formosuras educacionais e estímulos que alimentarão trevas, que deveriam ser aniquiladas no âmago da alma, para evitar infortúnios.(...)

(...) Saiba que todos aqueles que vivem junto à criança e influem sobre ela têm sua porção de responsabilidade na sua formação feliz ou degenerada, sejam os pais, tios, irmãos, avós e outros que interfiram na vida infantil.(...)

(...) Nos seus contatos com a criança, pense que, despejando ou não, estará escrevendo em seu serzinho as dantescas tragédias que ajudarão a fazê-la cair ou estagnar ou as felizes lições que lhe servirão como trilha segura de redenção.

A criança é, sem contestação, a base do amanhã da Terra, e, como você está destinado a retornar à Terra, amanhã, pela inderrogável lei da reencarnação, atenda bem à sua criança de agora, para que ela bendiga seus passos e sua existência no mundo, futuramente.”

(Thereza de Brito – Vereda Familiar – Cap.)

Reflexões:

- 1- Qual a importância da fase infantil para o espírito reencarnante?
- 2- Para o espiritismo, o que é, e quando é o dia das crianças?

3.4 - PÁSCOA

A Páscoa é a festa maior do judaísmo e comemora a saída do povo hebreu, do Egito, sob o comando de Moisés, sendo relembrada todos os anos no dia 14 de Nissan, segundo o calendário judeu.

Jesus nasceu no seio do povo judeu, e em função da relevância desta festa para aquele povo, participava das festividades da Páscoa.

Foi no domingo anterior ao da Páscoa que Jesus, entraria pela última vez, em Jerusalém quando foi ovacionado pelo povo com ramos de árvores imortalizando este momento como Domingo de Ramos. Nessa mesma semana em que havia muitos sacrifícios de animais, nos Templos, havia a concentração de vendedores de animais para serem utilizados nos sacrifícios.

Os pecados humanos eram perdoados a partir do sacrifício de animais como pombos, ovelhas, carneiros e bodes. E um cordeiro sacrificado pelo sacerdote era o símbolo da remissão dos pecados do povo, enquanto o Messias não viesse.

Foi a 13 de Nissan que Jesus foi preso, no dia 14 foi julgado, condenado e crucificado, ressuscitando no domingo de Páscoa. Este fato atrelou a festa judaica à festa cristã.

Curiosamente, o sacrifício de Jesus ocorreu na Páscoa justificando a frase imortalizada pela Igreja: **Jesus, Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, tende piedade de nós!**"

Para os judeus, a Páscoa é símbolo de liberdade. Para os cristãos, pela ressurreição, é o símbolo da Vida!

Talvez, por esse motivo, o tempo findou por associar a páscoa cristã a dois símbolos:

- o coelho: símbolo da vida como fertilidade;
- e o ovo, como símbolo da origem de uma nova etapa, de uma nova vida.

Na verdade, o verdadeiro símbolo que se pode recorrer à páscoa, na visão espírita é o da libertação do povo judeu e das lições oferecidas por Jesus em seus últimos dias... passar disso é discorrer sobre questões que não dizem respeito ao esforço que a espiritualidade tem em resgatar o homem da sua ignorância.

Existem muitas explicações para todas as festas ditas Cristãs, mas na verdade Jesus em momento algum apregoou comemoração, culto ou cerimônia. Respeitou, sem dúvida nenhuma, as festas de seu tempo, porém a única comemoração que ele quis foi da nossa felicidade e crescimento moral..

Cabe a nós Espíritas, pesarmos à luz da razão todas as festas ditas Cristãs, e encontrarmos seu significado verdadeiro.

Se enquanto pais de crianças pequenas, não conseguirmos fugir aos costumes sociais, até pelo forte apelo da mídia, sentindo dificuldade de fazê-las entender porque as outras receberam presentes/chocolates e elas não, que retiremos o caráter “sagrado” que é dado a muitas delas. É escolha nossa cabendo à responsabilidade de cada um a opção.

Enquanto evangelizadores devemos explicar às crianças e aos jovens o significado histórico e cuidarmos para não inculcar na mente delas este teor sagrado, tão arraigados de dogmas e idéias que nos remetem ao paganismo ou a outros credos.

3.4.1- E o coelho e os ovos?

A tradição de oferecer ovos vem da China. Há vários séculos os orientais preocupavam-se em embrulhar os ovos naturais com cascas de cebola e cozinhavam-nos com beterraba. Ao retirá-los do fogo, ficavam com desenhos mosqueados na casca. Os ovos eram dados de presente na Festa da Primavera. O costume chegou ao Egito. Assim como os chineses, os egípcios distribuíaam ovos no início da nova estação.

Depois da morte de Jesus Cristo, os cristãos consagraram esse hábito como lembrança da ressurreição e no século XVIII a Igreja adaptou-o oficialmente, como símbolo da Páscoa.

Desde então, trocam-se os ovos enfeitados no domingo após a Semana Santa. Há duas versões para explicar a substituição de ovos naturais pelos de chocolate. Uma delas conta que a Igreja proibia, durante a Quaresma, a alimentação que incluísse ovos, carne e derivados de leite. Mas essa versão é contraditória, pois na Idade Média, era comum a bênção de ovos durante a missa antes de entregá-los aos fiéis. A hipótese mais provável é o início do desenvolvimento da indústria de chocolate, por volta de 1828.

A tradição do coelho da Páscoa foi trazida à América por imigrantes alemães em meados de 1700. O coelhinho visitava as crianças, escondendo os ovos coloridos que elas teriam de encontrar na manhã de Páscoa.

3.4.2 – Mas por que a Páscoa nunca cai no mesmo dia todo ano?

O dia da Páscoa é o primeiro domingo depois da primeira lua cheia da primavera no hemisfério norte (após o equinócio de primavera – 20 de março) que ocorre entre dia 22 de março e 25 de abril.

Entretanto, a data da lua cheia não é real, mas a definida na Tabelas Eclesiásticas. (A Igreja, para obter consistência na data da Páscoa decidiu, no Conselho de Nicéia em 325 d.C definir a Páscoa relacionada a uma Lua imaginária – conhecida como a “lua eclesiástica”).

Então:

- Terça-Feira de Carnaval = 47 dias antes da Páscoa;
- Corpus Christi = 60 dias depois da Páscoa;
- o período da quaresma = começa na quarta-feira de cinzas, até o domingo de ramos;
- Ascensão do Senhor = 6º domingo após a Páscoa;
- Pentecostes = 7º domingo após a Páscoa;
- Santíssima Trindade = 8º domingo após a Páscoa.

Com esta definição, a data da Páscoa pode ser determinada sem grande conhecimento astronômico. Mas a seqüência de datas varia de ano para ano, sendo diferente também entre as igrejas do ocidente e do oriente.

3.4.3 – Como o Espiritismo encara a “Sexta-Feira Santa”?

Qual o procedimento do espírita no chamado “Sábado de Aleluia”?

Como fica a questão do “Senhor Morto”?

É importante destacar o respeito que devemos às práticas católicas nesta época, desde a chamada quaresma até às lembranças históricas, na maioria das cidades revividas, do sacrifício de Jesus.

Só que, embora o respeito devido, nada temos com isso no sentido das práticas relacionadas com a data. São práticas religiosas merecedoras de apreço e respeito, mas distantes da prática espírita.

É claro que há todo o contexto histórico da questão, os hábitos milenares enraizados na mente popular, o condicionamento com datas e lembranças e a obrigação católica de adesão a tais práticas.

Para a Doutrina Espírita não há a chamada “Semana Santa”, nem tão pouco o “Sábado de Aleluia” ou o “Domingo de Páscoa” ou o “Senhor Morto”. Trata-se de feriado e prática católica e, portanto, não existem razões ou argumentos para adesão de qualquer tipo a tais práticas.

É absolutamente incoerente com a prática espírita o desejar de “Feliz Páscoa!”, a comemoração da Páscoa em Centros Espíritas ou mesmos a alteração da programação espírita nos Centros, em virtude de tais feriados católicos.

Respeitemos nossos irmãos católicos, deixemo-los agir como queiram, sem stress de esgotar-nos em explicações, nossa Doutrina é livre e deve ser praticada livremente, sem qualquer tipo de vinculação com outras práticas. Com isso ninguém está a desrespeitar o sacrifício do Mestre em prol da Humanidade. Preferimos sim ficar com seus exemplos, inclusive o da imortalidade, do que ficar a reviver a tragédia a que foi levado pela precipitação humana.

Inclusive temos o dever de transmitir às novas gerações a violência da malhação do Judas, prática destoante do perdão recomendado pelo Mestre, verdadeiro abuso mantido por mera tradição e também incoerente com a prática espírita.

A mesma situação ocorre na chamada quaresma de nossos irmãos católicos, onde espíritas ficam preocupados em comer ou não comer carne, ou preocupados se isso pode ou não (não apenas os novatos na Doutrina, mas também os velhos espíritas, condicionados ao hábito católico).

Aqui transcrevemos trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo “... A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula se não impede que se cometam homicídios, adultérios, espoliações, calúnias e de fazer mal ao próximo em que quer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não faz homens de bem. Não basta, pois, ter as aparências da pureza, é preciso antes de tudo ter a pureza de coração.”

Quando não conhecemos devidamente os objetivos da Doutrina Espírita, que são em última análise, a melhora moral do homem, nos perdemos em ilusões!

3.5 – FESTA JUNINA

A Festa Junina é uma celebração brasileira e portuguesa de origem européia, historicamente relacionada com a festa pagã do solstício de verão que era celebrada no dia 24 de junho segundo o calendário juliano (pré-gregoriano) e cristianizada na Idade Média como “festa de São João”, e que pouco apouco tomou caráter folclórico.

Ela festeja no Brasil importantes santos católicos:

- Santo Antônio (13 de junho)
- São João (24 de junho)
- São Pedro (29 de junho)
- São Marçal (30 de junho)

Uma lenda católica cristianizando a fogueira pagã afirma que o antigo costume de acender fogueiras no começo do verão europeu tinha suas raízes em um acordo feito pelas primas Isabel e Maria. Para avisar Maria sobre o nascimento de São João Batista e assim ter seu auxílio após o parto, Isabel teria de acender uma fogueira sobre um monte.

O mastro de São João, conhecido em Portugal como o mastro dos Santos Populares, é erguido durante a festa junina para celebrar os três santos ligados a essa festa. No Brasil, no topo de cada mastro são amarradas em geral três bandeirinhas simbolizando os santos. Tendo hoje em dia uma significação cristã bastante enraizada e sendo, entre os costumes de São João, um dos mais marcadamente católico, o levantamento do mastro tem sua origem, no entanto, no costume pagão de levantar o “mastro de maio”, ou a árvore de maio, costume ainda hoje vivo em algumas partes da Europa.

A quadrilha brasileira tem seu nome de uma dança de salão francesa para quatro pares, a “quadrille”, em voga na França entre o início do século XIX e a Primeira Guerra Mundial. A “quadrille” francesa, por sua parte, já era um desenvolvimento da “contredanse”, popular nos meios aristocráticos franceses do século XVIII. A “contredanse” se desenvolveu a partir de uma dança inglesa de origem campesina, surgida provavelmente por volta do século XIII, e que se popularizara em toda a Europa na primeira metade do século XVIII.

3.6 – NATAL

SEI – Serviço Espírita de Informações, Boletim Semanal nº 1340 :

“Conforme as convenções, no calendário da Terra estabeleceu-se o dia 25 de dezembro como sendo a data em que se celebra o nascimento de Jesus..

Nos primeiros séculos, o Natal era comemorado nos dias 06 de janeiro ou 25 de março. A partir de 440 a data foi fixada, provavelmente para cristianizar as festas pagãs que ocorriam nesse período do ano (Nascimento do Vitorioso Sol, a Saturnália, etc.)

(...) As atuais pesquisas históricas indicam que Jesus não teria nascido em dezembro, nem há 2008 anos atrás. O engano ocorreu inicialmente em razão de múltiplos erros, alterações e casuísmo da fixação do calendário oficial, incluindo extensão ou supressão de dias e meses.

(...) Nunca seria demais relembrar a Introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo, item 1, onde Allan Kardec diz que o que mais importa é o ensinamento moral de Jesus, pois não se sujeita a controvérsias e nos oferece verdadeiramente a ciência da vida.

Como foi visto acima, o Natal convencionado no mundo está envolto em tradições e simbolismos, dos quais não participa o Espiritismo o que não afasta o nosso dever de respeitar e reconhecer que na época do Natal a sociedade costuma ser envolvida num clima de maior fraternidade.

Natal espírita não se relacionaria ao nascimento físico de Jesus, mas sim ao seu nascimento “espírita” em nossas almas. Isto é, o Natal para o espírita é aquele momento em que nós nos impregnávamos da mensagem evangélica, permitindo a Jesus nascer em nossos corações, para nos tornarmos o “homem novo”. (...)

3.6.1 – ALGUMAS PERGUNTAS QUE AS CRIANÇAS COSTUMAM FAZER SOBRE O NATAL

1- Quem eram os rei Magos?

Melchior, Baltazar e Gaspar, eram do oriente. Contam os livros que no dia 6 de janeiro os reis Magos chegaram para conhecer o Menino Jesus. Eles seguiram uma estrela misteriosa que ensinou o caminho. Andaram muito. Correram a notícia de que um novo rei havia nascido. Na terra deles ninguém visitava um rei sem levar presentes. Assim cada um levou o seu.

2- Os Magos faziam o quê? Eram adivinhos, mágicos?

Eram sábios. Naquele tempo mago não queria dizer bruxo.

3- O que os reis Magos levaram para o Menino Jesus?

Melchior (o mais velho) levou ouro. Baltazar ofereceu mirra, espécie de líquido perfumado que existe no caule de algumas plantas e que serve para fazer perfumes. Gaspar (o mais novo) deu incenso, utilizado em algumas cerimônias religiosas.

4- A luz que guiou os Magos era de estrela ou cometa? Ou seria a de um anjo?
Sempre houve dúvidas, até hoje elas existem. Astrólogos, cientistas, religiosos vêm estudando aquela estrela. Aham que era um cometa(de cauda luminosa) ou a luz de um planeta que se aproximava da Terra. Apesar dos estudos, o mistério continua.

5- E a manjedoura, o que é?
É um tronco de madeira escavado onde se coloca alfafa ou capim para animais comerem. As manjedouras ficam dentro dos estábulos – lugar onde se recolhe o gado.

6- Por que sempre há pastores e carneirinhos no presépio?
Eles representam o ripo de pessoas e animais da região onde Jesus nasceu. Lá a atividade principal era o pastoreio.

7- Herodes – que rei foi esse?
Herodes foi o terceiro rei de uma mesma família que reinou na Galiléia. Morreu aos 70 anos, pouco tempo depois de Jesus ter nascido.
Ouvindo falar do nascimento de um novo rei, Herodes ordenou a seu soldado que matassem todos os meninos recém nascidos. Calcula-se em trinta e sete o número de crianças assassinadas, entre elas um filho de Herodes, morto por engano. Belém, na época, teria uns mil habitantes.
A esse episódio do assassinato dos recém-nascidos dão o nome de *Matança dos Inocentes*.

8- Onde se deu o nascimento de Jesus?
Maria e José iam para Jerusalém, onde acontecia um recenseamento (contagem de população). No caminho, Maria sentiu que estava na hora de seu filhinho nascer. Então, ele e o marido procuraram uma hospedaria, mas não encontraram lugar em nenhuma. Refugiaram-se numa gruta, ou cabana, não se sabe ao certo. Ali nasceu Jesus.
Eles iam continuar o caminho até Jerusalém, mas um anjo, Espírito bom disse para fugirem de Herodes. Assim, Maria e José resolveram ir com Jesus para o Egito.

9- Como surgiu o costume de se enfeitar árvores no Natal?
O costume de se enfeitar árvores no Natal começou na Alemanha, Inglaterra, França, Suécia e outros países da Europa. Mais tarde esse costume se espalhou por todo o mundo, chegando também no Brasil.
Bem antigamente, na Alemanha, enfeitavam as árvores de Natal com maçãs e nozes. Na madrugada do dia 25, padres jogavam cinzas nos pomares para as frutas depois brotarem mais bonitas. Em Portugal até hoje fazem o bolo-rei para a ceia de natal. Dentro deles colocam presentinhos para os convidados.
Naqueles países europeus foram enfeitadas as primeiras árvores por ocasião do Natal. Enfeitaram as árvores dos jardins ou dos parques onde estavam plantadas. Com o frio que faz por lá em dezembro, isso não era nada fácil. Árvores e enfeites ficavam logo carregados de neve.
Tiveram então a idéia de levar uma árvore para dentro de casa. O pinheirinho foi o preferido. Pensando nisso já plantavam alguns em latas ou barricas. Pinheiro custa a crescer, não é rápido como alpiste, mas valia a pena. Dentro de casa a árvore alegrava e ainda durava, bonita, por vários dias. Mais tarde, depois das festas, o pinheiro ia para fora outra vez. Ele continuava a ser cuidado com carinho para no ano seguinte ser enfeitado de novo.

Ninguém cortava as raízes dos pinheiros. Porque não há coisa mais triste do que ver, depois do Natal, árvores mortas, secas, jogadas nas ruas. Elas brilham por alguns dias, fazendo o show, depois são esquecidas, vão para o lixo. É justo? Não é. Melhor, em lugar disso, enfeitar árvores de plástico, sem vida. As de plástico passam a representar as outras, verdadeiras.

As luzinhas elétricas, ou de pilha, hoje colocadas das árvores, também imitam as de antigamente, que eram velinhas mesmo, de cera. As velinhas tremiam com qualquer ventinho. Por isso as velinhas de hoje, artificiais, apagam e acendem.

No começo ninguém colocava presentes perto das árvores de Natal, como muitos fazem agora. Os presentes ficavam guardados. Durante a noite alguém entrava devagarinho e ia arrumando os presentes nos sapatos que as crianças deixavam perto da cama, na janela ou na varanda.

Acordar e ver os presentes nos sapatos era o melhor do natal. Até antes de clarear, mesmo sem acender a luz, a meninada procurava adivinhar os pacotes e já abria alguns.

A moda de criança ficarem acordadas até mais tarde na véspera de Natal e de abrirem os presentes à noite, perto das árvores, chegou ao Brasil mais ou menos nos anos 40, com cenas de Natal do cinema americano.

Os filmes mostravam crianças com pijamas de florzinhas, abrindo pacotes na sala, perto das árvores iluminadas. Depois toda a família ia comer o peru, como ainda se vê nos comerciais de tevê.

10- Qual a origem do presépio?

Os primeiros cristãos faziam um presépio vivo. Depois Francisco de Assis, um italiano que virou santo, visitou o Oriente e viu um presépio em Belém. Era um presépio luxuoso, mandado fazer por um sultão.

O presépio que ele viu no oriente o impressionou. Voltando para a Itália, São Francisco falou com amigos e construíram juntos, um presépio. Artistas do lugar fizeram as imagens, algumas esculpidas em madeira, outras em barro, São Francisco não queria sedas nem ouro, como vira no presépio do Oriente. Pretendia apenas fazer uma homenagem carinhosa ao Menino Jesus.

Depois disso, armar presépio se tornou tradição. Há agora presépios de todos os tipos, construídos com materiais mais diferentes, desde o mármore até o vidro.

11- Quem foi Francisco de Assis?

São Francisco de Assis era de uma família rica, mas abandonou todas as suas riquezas. Humilde, andava descalço ou fazia as próprias sandálias.

Fundador da Ordem Franciscana, vestia-se pobremente com uma roupa marrom, simples, amarrava na cintura. Os frades dessa Ordem vestiam-se como ele.

Era poeta e compositor, criando diversas canções de Natal e um famoso Hino ao Sol.

Em 1229 São Francisco construiu seu primeiro presépio em madeira ou barro. Para criar as figuras ele tomou como modelo as pessoas e os animais da sua cidade.

12- Como surgiu a lenda de Papai Noel?

Dizem que Papai Noel surgiu na Finlândia. Lá, no inverno, os dias são muito curtos, as pessoas saem pouco, aproveitam para ler muito. Assim, quando chega a primavera, estão mais sabidas.

Contam que Papai Noel ficou conhecendo o mundo de tanto ler sobre crianças de lugares tão diferentes. Como ele era muito rico, no Natal distribuía presentes e doces para os amigos e para os pobres. Mas sonhava, mesmo, poder distribuir presentes em toda parte.

Até ele ficar bem velhinho, de barbas brancas, nunca deixou passar uma noite de Natal sem sair dando presentes. Para ajudá-lo, e porque achavam bonito, outros habitantes, de várias cidades, de muitos países, começaram a imitá-lo. A moda pegou, ganhou o mundo. O sonho de Papai Noel se tornou realidade.

Se o velhinho depois morreu? Não, de jeito nenhum. As lendas não morrem, as pessoas não deixam. Vão repetindo, contando, representando, escrevendo para elas continuarem vivas.

Contam que ele custou a chegar ao Brasil. Só veio no início dos anos 20. Antes, aqui, diziam que os presentes eram trazidos pelo Menino Jesus. Depois, viram Papai Noel em fotos e revistas, em cartões-postais. Ele e a árvore de Natal apareceram no cinema.

3.7 – CERIMONIA DE CASAMENTO

“As bênçãos que se mostram no seio das famílias por ocasião das cerimônias de casamento não têm limites, mormente quando os cônjuges se harmonizam em nome do amor. (...)

É uma trabalhadeira antes, tremenda tensão emocional durante e intenso cansaço depois. Mas, tudo em função das alegrias que a ocasião faculta.

Nessa trilha, os questionamentos apresentados pelas famílias, que seguem o ensino cristão pelos caminhos espíritas, são exatamente aqueles vinculados ao “como fazer”, “o que fazer”, “para que fazer”.

Outras perguntas que desafiam a muitos espiritistas é a respeito do **casamento espírita**. Aliás, é válido perguntemos: **Há casamento espírita?** O bom senso daqueles que mantêm sério e respeitoso conhecimento dos ensinamentos espíritas, aqueles que se ajustam à vivenciação consciente do Espiritismo, entenderão que, por sua base doutrinal, o Espiritismo não comporta tais cerimônias.

Embora haja casamento de espíritas, não existe **casamento espírita**, com todo um contexto litúrgico, com toda uma parafernália de cores e sons, de aromas e palavras sacramentais, tão comuns na estrutura das diversas crenças espiritualistas que se espalham no mundo.

Dentro desse entendimento, caberá às famílias espíritas o amadurecimento dos conceitos, das concepções de vida e de vida social, a fim de que não lancem ao ridículo a elucidificante Doutrina Espírita.

Os cultos matrimoniais, que a Igreja dos primeiros séculos assimilou, a partir do séc. IV, são elementos absorvidos das práticas do paganismo ancestral.

Das homenagens que eram prestadas às deusas Diana, Ceres, Afrodite, dentre outras, tanto na Grécia quanto em Roma, surgiram os trajes pomposos, ricos, luzentes e complexos, sem que coisa alguma tenham que ver com a dulcíssima Mãe de Jesus, como se costuma apregoar, até o momento em que o Bispado de Roma faz a assimilação de certas deusas pagãs com Maria de Nazaré.

A família espírita deverá manter a consciência acordada para que não se faça incoerente ou tola.

Na necessidade de cumprir as leis sociais constituídas, os espiritistas se apresentarão às autoridades do mundo, aos juizes da Terra, a fim de que eles inscrevam nas páginas da sociedade uma família a mais, com todos os direitos e deveres que lhe advirão.

Se a referida autoridade visitar o lar festivo ou se os familiares conduzirem seus nubentes às bancas de Cezar para a celebração civil, tudo estará de acordo com o Pensamento Espírita, uma vez que o amor ou o verdadeiro laço já se instalou no âmago dos cônjuges, independente dos papéis.

Evite, assim, levar para a Instituição do Espiritismo qualquer dessas cerimônia civil, para que não se configure um **casamento espírita**.

Não coniva com os que desejam realizar preces ditas especiais na Instituição, em razões dos esponsais.

Os Centros Espíritas devem ser preservados de todas as práticas que não dizem respeito aos seus objetivos, para que mantenha-se sempre uma escola de bom senso e de trabalhos do bem, sem fantasias.

Os famosos vestidos são, de fato, apreciáveis, mas nada têm a ver com o Espiritismo, muito menos, com a Senhora de Nazaré, repetimo-lo propositadamente.

Caso a maturidade espírita das pessoas não haja alcançado tal entendimento, e, por isso, insistam nas questões do traje pagão e das cerimônias da liturgia católica, que procurem aqueles que se especializaram nesses labores, ou os que ganham a vida com essas operações, porém, jamais o Centro Espírita.

Sendo você espírita consciente, convicto, que venha aceitar tais práticas igrejeiras, isso simbolizará o seu desrespeito para com as crenças alheias e a hipocrisia para com a sua própria fé, mostrando incoerência com o que aprende e tantas vezes ensina.

Desse modo, estaremos vibrando com os amigos e familiares, assistiremos as práticas que não sejam abusivas ou desrespeitosas, sem nos comprometermos com apadrinhamentos religiosos, fazendo juramentos e encenações que não correspondam à nossa crença libertadora.

Não imponhamos aos nossos as nossas concepções, mas demonstraremos com a vida honrada e coerente a fé límpida e sem atavios que nos abençoa a existência.

Casamento é algo seriíssimo na vida das criaturas encarnadas, e como uma coisa séria deve ser dignificado em espírito e em verdade, sem mexinflórios de todo dispensáveis.”

(Thereza de Brito – Vereda Familiar – Capítulo 5.)

3.8 - O BATISMO

“Há uma série de hábitos domésticos herdados das crenças do passado, apoiadas em imposições dogmáticas de diversos credos, sem que contem com o apoio da lógica espírita.

Dentre esses costumes, vemos a questão do batismo, sem o qual inúmeras famílias se aturdem, imaginando-se em pecados contra as Leis de Deus. ...

• • •

As cerimônias batismais, como um ritual iniciático, tinham por objetivo iniciar o indivíduo na contextura da crença ou nas atividades do culto, para os quais eram exigidas.

Os inúmeros mistérios, oráculos, sinagogas, pagodes e tantos outros núcleos de fé realizavam, a seu modo, e dentro das filosofias que os norteavam, os seu ritos batismais.

Alguns, vindo em defesa dessas cerimônias, asseveram que o Mestre Jesus foi batizado e que, assim, todos deveremos ser igualmente batizados.

Esquecem-se ou ignoram que o seu consentimento em ser batizado tinha direta relação com o início oficial do seu messianato, conforme estabeleciam as letras proféticas.

São incontestáveis as colocações do Batista, ao dizer que após ele, que batizava com água, viria Aquele que batizaria com fogo.

Em nenhum momento, Jesus que é o nosso Mestre, Guia, Modelo, ensinou-nos a batizar alguém. Ensinou-nos a orarmos, uns pelos outros, a amarmos-nos, uns aos outros, o que é do conhecimento geral dos cristãos.

Nas linhas mestras do Catolicismo Romano, o sentido da cerimônia é de todo pertinente, uma vez que ele considera que toda criança é uma alma que nasce virgem, das mãos de Deus, no momento em que o corpo físico vem à luz, admitindo que a alma, ao surgir, traz em si as marcas do pecado atribuído a Adão e Eva nas páginas mosaicas de “O Velho Testamento”, assim, o ato de batizar os seres tem por sentido alijar das pessoas o chamado **pecado original**.

Já os espíritistas, conhecedores da reencarnação, sabem que os **pecados** com que nascemos na Terra, nas bênçãos de um novo corpo, não são devidos a ninguém, senão a nós mesmos, e que a alma tem anterioridade ao corpo, conduzindo consigo o produto das suas realizações próximas ou distantes entenderão que o seu batismo deverá ter outra textura. (...)

A nobre condução da criança ou o digno procedimento do adulto, no esforço de renovar-se, contribuindo para a sua redenção, representação o mais notável batismo para o Espírito reencarnado.”

(Thereza de Brito – Vereda familiar – Capítulo 9.)

Prática Espírita

Nota de esclarecimento

Tendo em vista que comumente surgem informações relacionando a Doutrina Espírita com as atividades de jogos de tarô, cartas, quiromancia e outras, a Federação Espírita Brasileira esclarece como se desenvolve a prática espírita:

- Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: “Dai de graça o que de graça recebestes”.
- A prática espírita é realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.
- O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.
- O Espiritismo não impõe os seus princípios. Convida os interessados em conhecê-lo a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.
- A mediunidade, que permite a comunicação dos Espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da doutrina doutrinária de vida que adotem.
- Prática mediúnica espírita só é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã.
- O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que “o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”.

“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.”

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

“Fora da caridade não há salvação”